

“CADA LOUCO TRAZ EM SI O SEU MUNDO”: LOUCURA E SOCIEDADE NA OBRA DE LIMA BARRETO

Ajanayr Michelly Sobral Santana¹

Jomar Ricardo da Silva²

Resumo: Este trabalho tem como objeto de estudo analisar as representações da loucura na obra "*Cemitério dos Vivos*" do autor Lima Barreto, provenientes de suas memórias no período vivenciado no hospício. Analisando a obra, percebemos que o autor constrói outra imagem da loucura, em que escreve histórias de gestos e sentimentos. Na obra, Lima Barreto desvela os domínios do hospício, espaço social e moral de exclusão, ao criticar o sistema carcerário. Para tanto, rompe com o silêncio em torno da loucura, ao tornar visível o lado sombrio e silencioso do mundo dos loucos. Utilizando os conceitos de representação, do autor Roger Chartier, para interpretação dos aspectos relativos à loucura. Deste modo, contextualizaremos a construção histórica da loucura ao destacarmos a contribuição de Michel Foucault.

Palavras-chave: Memórias; Lima Barreto; Representação.

1.Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo a representação de loucura na obra de Lima Barreto, proveniente de suas reflexões realizadas a partir das experiências vivenciadas pela convivência familiar, com o surto de desrazão do pai e pela própria debilidade que o levou a internação, algumas vezes, ao hospício. Neste período, Lima Barreto escreve histórias de gestos, ações e sentimentos humanos que fazem do louco um desconhecido em relação a si mesmo e em relação à sociedade

Desta forma, nosso objetivo é compreender como se efetivou uma representação da loucura na obra de Lima Barreto, expressas em opiniões nas crônicas jornalísticas e através das personagens em obras ficcionais, como também identificar os elementos presentes na sociedade brasileira, do início do século XX, que determinavam o reconhecimento da loucura proporcionada pelas instituições sociais de assistência aos considerados loucos e perscrutar as representações que a ciência construiu no período de vida do autor para

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba. / UEPB. Bolsista Pibic/ CNPq cota 2009-2010. E-mail: mimysobral@hortmail.com.

² Doutor em Educação pela UFRN, Professor da Universidade Estadual da Paraíba, pelo Departamento de Filosofia e Ciências Sociais.

imputar o código de sanidade ou loucura sobre os indivíduos.

Lima Barreto pode ser considerado como um escritor que denunciou as injustiças sociais de sua época, utilizando da literatura como um meio de protesto. Também era por meio dela que ele procurava se afirmar como escritor e intelectual. Através das análises das personagens presentes em suas obras, propomos realizar uma produção de conhecimento que contribua para o estudo da representação sobre a loucura na sociedade brasileira no início do século XX.

Nessa perspectiva vamos esquadrihar a obra de Lima Barreto. Ele que, através das suas passagens em hospícios, suscitou outras experiências possíveis com relação à loucura. Nas suas obras Lima Barreto vai falar de si, trazer seus sentimentos ao espaço do comunicável. O autor fez de suas palavras um instrumento de diálogo possível, em que instaurou um outro real, uma outra concepção com relação à loucura e ao louco.

Para realizarmos uma interpretação dos aspectos relativos à relação da sociedade com a loucura, vamos utilizar os conceitos de representação e de configuração. Relativo ao conceito de representação, na perspectiva de se investigar esse processo, a história cultural contribui pela definição do seu objeto. A sua preocupação está centrada na busca da compreensão dos motivos e das posições e interesses dos atores sociais que, segundo Roger Chartier, designam a realidade a partir de sua cosmovisão.

Em relação à configuração, na concepção de Norbert Elias, as pessoas vivem uma relação de interdependência, o que nos reporta à expressão de relações, que nos leva, de imediato, a encarar o círculo familiar, de amizade, de trabalho, do lugar onde se vive. Com isso temos o registro de que a representação das relações sociais no autor, na sua experiência no hospício, leva-nos a relação existente entre sociedade e indivíduo, forjada por uma rede de interdependências de conflitos, que para se reproduzir supõe “um entrançado flexível de tensões”.

2. Fundamentação teórico-metodológicas.

Para alcançarmos as análises das representações da loucura, no início do século XX, utilizando a obra de Lima Barreto como fonte histórica, torna-se necessário perceber as

mudanças ocorridas nas esferas da sensibilidade e do comportamento, que naquele momento se estrutura, sob duas tendências: a formação do Estado, responsável pela pacificação da esfera social, oriunda do monopólio da força, e o controle das emoções e dos afetos que emanam da intensificação das relações interindividuais (CHARTIER, 1990, p.109).

Cemitério dos Vivos (1956) é um romance publicado postumamente, em que retrata a vida pessoal de Vicente Mascarenhas, com suas passagens pelo hospício, sua vida doméstica e o casamento com Efigênia. Possui um caráter autobiográfico, na medida em que Lima Barreto fala da sua vida através da sua personagem, narrando às experiências vivenciadas no período em que esteve no manicômio. Temos, ainda, o *Diário Intimo* que retrata as memórias e observações do escritor.

Utilizando a obra de Lima Barreto como fonte de conhecimento histórico, faz-se necessário um esboço da vida do escritor, que ressalte aspectos relevantes de sua trajetória de vida, bem como suas idéias, para entendemos a construção da loucura em sua obra. Para tanto, faz-se necessário realizar um quadro panorâmico da sociedade, no final do século XIX e início do século XX, período em que viveu o escritor, em seus aspectos sócio-econômicos, políticos e culturais.

Porque traçar um perfil de Lima Barreto torna-se importante do ponto de vista historiográfico. Lima Barreto foi um escritor de seu tempo, em que dedicou boa parte de sua vida a registrar em forma de escritos – crônicas, romances, diário íntimo, artigos jornalístico – sua maneira de entender e ver a sociedade. Tais escritos o transformaram em um porta voz do povo negro. Apesar dos obstáculos encontrados, na sua trajetória de vida, não recuou, e utilizou da literatura como um instrumento de denúncia.

Lima Barreto foi capaz de construir uma visão sobre a sociedade brasileira do início do século e através dos seus estudos procurou adotar critérios filosóficos e sociais para pensar. Foi capaz ainda de construir um pensamento, uma reflexão, um julgamento sobre a nossa vida urbana e rural, sobre os diferentes tipos da nossa população. Consciente do que significava viver no Rio de Janeiro, desenvolveu ao longo do tempo uma longa e sensível investigação sobre os sonhos, as decepções, os hábitos e os anseios da gente simples de que sempre esteve cercado em seu convívio (BOTELHO, 1996, p. 52).

Afonso Henrique de Lima Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro. Neto de escravos e filho do tipógrafo João Henrique Lima Barreto e da professora primária Amália Augusta Barreto, ficou órfão materno aos sete anos de idade (BARBOSA, 2002). Posteriormente, numa de suas crônicas, deu a conhecer a consciência étnica e social que tinha de si mesmo: “Nasci sem dinheiro, mulato e livre” (BARRETO, 2004 a, p. 271).

Lima Barreto abordava de forma crítica, nas suas obras, questões ligadas a relações raciais, transformações políticas, sociais, econômicas e culturais, ao cotidiano urbano e suburbano fluminense. Seus escritos registram os acontecimentos sociais resultantes das redefinições sucedidas no país e no mundo, durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. A partir de 1870, houve rápidas transformações em decorrência da aplicação do conhecimento científico à produção industrial, no continente europeu. Por conseguinte, houve desenvolvimento da indústria baseado nas descobertas no setor químico e na eletricidade (HOBSBAWM, 1997, p. 70).

Sete anos após o nascimento do escritor foi assinada pela Princesa Isabel a Lei Áurea (1888), abolindo a escravidão no Brasil, e proclamada a República (1889). Esses acontecimentos levaram a mudanças significativas, tanto na esfera política, econômica e social, no povo brasileiro. Pela primeira vez os indivíduos estavam envolvidos com os problemas da cidade e do país. Esta consciência foi proporcionada pelas mudanças ocorrida com novo regime político. O povo iria participar, direta ou indiretamente, do novo cenário político e social (CARVALHO, 2004, p. 16-17).

Lima Barreto acompanhou o desenvolvimento econômico e o crescimento demográfico do Rio de Janeiro, que nesse período, dentre outras cidades, teve a industrialização mais acentuada em função das vantagens que conseguiu ao longo dos anos. E a abolição da escravatura, que antes de reparar uma injustiça social, veio trazer outros problemas para o grupo social étnico liberado: o negro não foi incluso na nova ordem social e a propriedade da terra continuou concentrada nas mãos de grandes latifundiários. Estes últimos preferiram a opção de utilizar a mão de obra estrangeira, proveniente da emigração sob os auspícios do Estado, a aproveitar o contingente de ex-escravos, que passou a constituir uma massa de pessoas sem trabalho, moradia e educação (RIBEIRO, 1995, p. 222). Desprovida das condições necessárias à sobrevivência, ocupou os arrabaldes da

cidade, erguendo nos morros as favelas, restando-lhes a miséria e marginalidade.

Os governos dos Marechais foram violentos e repressivos. Havia manifestações nas ruas contra o novo regime. De fato, os indivíduos manifestaram uma reação negativa com relação à República, principalmente os negros. A Monarquia atingiu seu ápice de popularidade quando da Abolição da Escravidão (1888), que deu lugar a imensos festejos populares durante dias. “A simpatia popular se dirigia não só a princesa Isabel, mas também a Pedro II” (CARVALHO, 2004, p. 29-30).

A simpatia dos negros pela Monarquia reflete-se na conhecida ojeriza que Lima Barreto, o mais popular romancista do Rio, alimentava pela República. Neto de escravos, filho de um protegido do visconde de Ouro Preto, o romancista assistira, emocionado, aos sete anos, às comemorações da abolição e às festas promovidas por ocasião do regresso do imperador de sua viagem à Europa, também em 1888. em contraste, vira no ano seguinte seu pai, operário da Tipografia Nacional, ser demitido pela política republicana. Irritava-o, particularmente, a postura do barão do Rio Branco, a quem acusava de renegar a parcela negra da população brasileira (CARVALHO, 2004, p.30).

Hoje, em 2010, quase um século da publicação das obras de Lima Barreto, existem discussões em torno do tratamento da loucura, contando com inovações que proporcionam o aparecimento de “reforma psiquiátricas, como o respeito à individualidade do doente, aos direitos humanos e tendo o diálogo como base do tratamento” (DIAS, 2009, p. 34). A meta é cuidar dos pacientes de forma diferenciada, observando as peculiaridades de cada doença. Desse modo, há os que condenam a internação, alegando que as práticas anteriores à reforma psiquiátrica geram exclusão social. Esses defendem um tratamento que consideram a cidadania e a liberdade um meio de estabelecer o equilíbrio do indivíduo e integrá-lo ao convívio da família e da comunidade.

Lima Barreto retratou em sua obra a cidade do Rio de Janeiro, com as tensões sociais peculiares ao período dos primeiros vinte anos da República. As suas personagens traziam os mesmos problemas que os membros dessa sociedade vivenciavam. Morreu em 1922, ainda jovem, aos 42 anos, em vista a complicações provocadas por excesso de bebida alcoólica, de colapso cardíaco, sem o reconhecimento literário que tanto almejou para si.

3. Análise das fontes de pesquisa.

Como resultados de nossa pesquisa, percebemos os sinais da loucura na sociedade brasileira, através da obra de Lima Barreto, nas suas primeiras décadas do século XX, em que a figura do louco foge aos valores tradicionais, a partir do olhar do outro. Na obra *O Cemitério dos Vivos* (1956) e *Diário de Hospício* (1956), Lima Barreto discorre sobre a loucura e o sistema de tratamento no hospício, internato destinado a pessoas consideradas loucas. A obra é um livro de memórias de Lima Barreto, vivenciadas por ele através do personagem Vicente Mascarenhas. Há um relato de acontecimentos, fatos, tanto dentro quanto fora do hospício.

O personagem de *O Cemitério dos Vivos* é denso, atormentado por um sofrimento profundo, íntimo. No hospício escreve para atenuar sua culpa. Buscando na escrita uma possível reparação da sua falta e o re-encontro com Efigênia e consigo mesmo. Como Lima Barreto, procura nos livros as respostas para suas dores e dificuldades. O autor não distância o personagem da sua própria trajetória intelectual e de vida.

Lima Barreto utiliza sua obra para transpor suas aflições, sentimentos e angústias. Ao adentrar nos domínios do hospício percebe

(...) o grosso espetáculo doloroso da loucura mais arraigou no espírito essa concepção de um mundo brumoso, quase mergulhado nas trevas, sendo unicamente perceptível o sofrimento, a dor, a miséria, e a tristeza a envolver tudo, tristeza que nada pode espancar ou reduzir (BARRETO, 1956, p. 163).

Por meio das experiências vivenciadas no hospício, Lima Barreto relata, sobre a voz de Mascarenhas, os domínios da loucura. Assim como o autor, o personagem de *O Cemitério dos Vivos* (1956) apresenta-se marginalizado, estigmatizado, e por fim, tido como louco. Assim sendo, pretendemos demonstrar, a partir da narrativa do escritor, como a sociedade através de suas instituições, produz os modelos de insanidade.

Desta forma, a obra de Lima Barreto desvela os domínios do hospício, espaço social e moral de exclusão. Para tanto, critica o sistema carcerário dos hospícios pelo modo como tratam seus internos. Para isso, rompe com o silêncio em torno da loucura, ao tornar visível o lado sombrio, silencioso e sem vida do mundo dos loucos. “Abre-se para nós o mundo estranho e morto do insano” (FOUCAULT, 1984, p. 39).

As posições que Lima Barreto toma em relação ao mundo da loucura nos levam a discussões a respeito da insanidade como algo controlado socialmente e moralmente. Com isso, o hospício torna-se lugar de exclusão social. Assim sendo, pretendemos demonstrar que os segmentos da sociedade se ajustam e forma, juntamente com o discurso da medicina clínica, diferentes representações para o louco, que é transformado num corpo marcado pelo estranhamento, capaz de condutas de transgressão.

É na seção Pinel que Lima Barreto percebe o lado sombrio da loucura. O hospício é considerado um lugar de indigentes, desgraçados, alcoólicos, indesejáveis, onde são isolados do convívio com a sociedade, por fugirem aos valores tradicionais determinados no social, que são retirados das ruas como indivíduos considerados loucos.

A escrita de Lima Barreto sobre os loucos nos é informada pelas suas observações no hospício. Mas, também, podemos dizer que o escritor é informado por uma outra tradição com relação ao louco: como um sujeito hediondo, que foi representada na sociedade brasileira, desde a segunda metade do século XIX, pelo discurso médico. “(...) não posso deixar de consignar a singular mania que têm os doidos, principalmente os de baixa extração, de andarem nus” (BARRETO, p.39).

A análise concentra-se no hospício, como um lugar destinado a manter silenciosa a loucura. A doença será o grande enfoque, que se tornará, desde o surgimento desta instituição, um problema público e um dever político, alimentado pela medicina clínica, que tem instaurado na figura do médico um saber e poder sobre o indivíduo que o condena enquanto um corpo doente.

O universo do hospício é, contraditoriamente, marcado pelo silêncio e pela completa ausência de vida. “É um horror silencioso que nos apavora (...)” (BARRETO, 1956, p. 186). Fora dos domínios do hospício a noção que se têm é de que os loucos são violentos, rebeldes, agressivos e “o seu delirar em voz alta”. Lima Barreto nos mostra que, ao contrário, “(...) o horror misterioso da loucura é o silêncio, são as atitudes, as manias mudas dos doidos” (BARRETO, 1956, p. 184).

Há uma espécie de controle emocional. Não se procura curar o louco, mas silenciá-lo, enclausurá-lo. O hospício serve como espaço de isolamento dos loucos, porque desrazoados, da sociedade. Com isso, foram criadas instituições assistenciais, que nada

tinha em curar o louco, mas a sua exclusão. “Aborrece-me este hospício, eu sou bem tratado, mas me falta ar, luz, liberdade... Sairei desta catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa (BARRETO, 1956, p. 81).

Lima Barreto considera o vício do álcool como fator principal – além da doença do pai e as frustrações de sua vida – para sua internação no hospício. Não se considera um louco, mas “de quando em quando dou sinal de loucura: delírio” (BARRETO, 1956, p. 33-34). Desta forma, tinha consciência das conseqüências que o álcool trouxe para a sua vida.

O escritor foi conduzido ao Hospício de Alienados no Rio de Janeiro entre os dia 25 de 1919 a 02 de fevereiro de 1920, pela policia “como um João ninguém sem eira nem beira” (BARBOSA, 2002, p.314). Antes de ir para a seção Pinel, a enfermaria dos indigentes, passou pelo pavilhão de observações, e alguns dias depois foi transferido para a Seção Calmeil, o pavilhão dos pensionistas.

Foi no Hospício de Alienados que Lima Barreto começou a fazer suas observações e a registrar, em forma de escrita, suas impressões sobre a vida naquele espaço de silêncio, em que “(...) os loucos me pareciam pouco emotivos, e quase todos eles se queixavam dos seus parentes e das suas mulheres” (BARRETO, 1956, p. 96), e registra os acontecimentos percebidos e vivenciados por ele no período em que passou no hosp

Sobre o diário íntimo Blanchot (2005, p.270-271) nos diz que o diário serve para salvar a escrita, para dá sentido a sua vida. Para ele os

Pensamentos mais remotos, mais aberrantes, são mantidos no círculo da vida cotidiana e não devem faltar com a verdade. Disso decorre que a sinceridade representa, para o diário, a exigência que ele deve atingir, mas não deve ultrapassar. Ninguém deve ser mais sincero do que o autor de um diário, e a sinceridade é a transparência que lhe permite não lançar sombras sobre a existência confinada de cada dia à qual ele limita o cuidado da escrita.

Com a sua dor e marginalização ao ser internado no hospício, Lima Barreto conta o sofrimento e a exclusão do outro, em forma de diário íntimo, numa escrita autobiográfica. Diário escrito num momento de provação, provocada pela perda de identidade, diante do poder e vigilância, exercidos pela polícia e pela medicina clínica. Com isso, o autor ver negada a sua própria condição de escritor. “Reagi a sua desagregação do eu, ao escrever um livro com suas experiências no hospício” (ROCHA, 2008, p. 03).

Lima Barreto vai confundir-se com a sua personagem Vicente Mascarenhas, na medida em que o autor representa-se como aquele outro, em que suas vidas se confundem com o “arrependimento por não ter trilhado o caminho mais fácil para a realização profissional e a frustração por não ter alcançado os seus ideais” (ROCHA, 2008, P. 06). Pois, a escrita do diário íntimo permite ao escritor ter a liberdade de dizer seus sentimentos de modo afetivo daquilo que se quer registrar.

O personagem está tão enraizado no outro que, como ele, procura nos livros as respostas para suas dores e dificuldades. Por isso, Lima Barreto não distancia sua personagem da sua própria trajetória intelectual e de vida.

O texto autobiográfico de Lima Barreto representa sua trajetória no hospício, onde o autor constrói uma auto-imagem através de sua obra. Na sua autobiografia, o autor põe os elementos identitários na tessitura do seu texto. Para se entender uma obra literária, é preciso vê-la como resultado de diversos fatores que ela mantém contato.

A análise estética de um texto literário não ignora os fatores externos à literatura, pois estes também a influenciam sendo eles a realidade humana, psíquica e social da escrita. O que corrobora a idéia de que a literatura está profunda e inequivocadamente enraizada na realidade (LINHARES, 2006, p. 19).

Assim sendo, pretendemos demonstrar que Lima Barreto quando ingressou nos domínios da loucura – espaço idealizado pela medicina psiquiátrica de tratamento da loucura para a “cura” – utilizou da literatura, a partir de suas experiências no mundo da loucura, para demonstrar o lado sombrio e dramático nos domínios do hospício. Para tanto, o autor de *Cemitério dos Vivos* se vale de recursos ficcionais, para dar conta da narrativa da sua vida contada por ele mesmo, sem com isso negar a realidade que lhe deu origem. Segundo Linhares (2006, p 25) a escrita autobiográfica é “um desvelamento do sujeito ao mundo, permitindo que se tenha a partir dela, acesso a individualidade do sujeito que se revela”.

Ao escrever Lima Barreto faz uma integração com o mundo, com as palavras e consigo mesmo. “O ato de escrever autobiográfico é incompatível com a morte_ (escrever implica viver)” (apud LINHARES, 2006, p. 29-30).

É desse processo de múltiplas interpretações que a pesquisa se desenvolveu. Porém,

contextualizamos a construção histórica da loucura e destacamos a contribuição de Michel Foucault. O doente, o anormal, o estanho, o louco é o conjunto de termos que desenha os traços da loucura na obra de Lima Barreto. O louco foi construído historicamente como sendo:

Aquele que vaga pelo universo da racionalidade, aquele que balbucia sons indecifráveis para a tão sábia razão. É a voz trêmula e incomoda aos ouvidos daqueles que se dizem sãos; ele é o sujeito que ameaça a ordem, a normalidade, a sociedade, enfim a vida. O louco é o avesso de nós mesmo, ele é aquele com o qual, não queremos falar, ver, tocar, tampouco, trocar experiências, paixões e desejos (BRITO, 2009, p.01).

Michel Foucault, em seu livro *História da Loucura* (2005) trabalha a loucura a partir de construções históricas, que para este autor a loucura “(...) só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isola e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam” (FOUCAULT, 2006, p. 163).

Através da construção histórica a loucura vai ser enclausurada e medicalizada em manicômios, recebendo até uma nomenclatura. Nesse sentido, nos interessam os debates teóricos/ metodológicos de Foucault sobre o tema da loucura no campo das práticas clínicas.

Antes, porém, o louco era internado junto com outros, considerados vadios. Com isso a loucura passa a ser negada, escondida, enclausurada com internamentos em asilos. Estes espaços asilares, configurados como lugares destinados aos miseráveis, ociosos e vagabundos, abrigava todos os indesejáveis sociais, estes mesmos espaços, que em outro momento foram destinados à maldição da sociedade representada na figura do leproso, passou a abrigar a figura eminente do louco, dos vagabundos, desempregados, mendigos, ou seja, todas as maldições que habitavam as ruas da França naquele momento (BRITO, 2009, p. 04).

A loucura foi enclausurada, escondida, tirada dos lugares que pudesse manchar a ordem e o brilho das cidades européias. É no século XVIII que a loucura passa a ser entendida como uma doença. Percorrendo a obra de Foucault buscamos compreender a produção histórica da loucura enquanto doença mental vimos a loucura sendo silenciada e enclausurada. Mas, porque do silêncio em torno da loucura?

Era a lepra que representava o principal fator para dos males na Idade Media, onde

foram criados lugares destinados para os leprosos, os chamados leprosários, que tinha como objetivo controlar essa doença “perigosa” e por ordem a essa ameaça, que só chega ao seu fim no final da Idade Média. Conforme Foucault, “(...) a lepra se retira, deixando sem utilidade esses lugares obscuros e esses ritos que não estavam destinados a suprimi-la, mas sim a mantê-la a uma distância sacramentada, a fixá-la numa exaltação inversa” (FOUCAULT, 2005, p.06). Portanto, a lepra estava associada à religião, pois o leproso era uma “manifestação de Deus”. “Se se retiraram os leprosos do mundo e da comunidade visível da Igreja, sua existência, no entanto é sempre uma manifestação de Deus, uma vez que, no conjunto, ela indica sua cólera e marca sua bondade” (FOUCAULT, 2005, p.06). Com o desaparecimento do leproso surge um novo “mal”, em substituição a lepra, que é a doença venérea.

Desaparecida a lepra, apagada (ou quase) o leproso da memória, essas estruturas permanecerão. Frequentemente nos mesmos locais, o jogo da exclusão será retomado, estranhamente aos primeiros, dois ou três séculos mais tarde.

Pobres, vagabundos, presidiários e “cabeças alienadas” assumirão o papel abandonado pelo lazarento, e veremos que salvação se espera dessa exclusão, para eles e para aqueles que os excluem. Com um sentido inteiramente novo, e numa cultura bem diferente, as formas subsistirão – essencialmente, essa forma maior de uma partilha rigoroso que é a exclusão social, mas reintegração espiritual (FOUCAULT, 2005, p. 06-07).

Contudo, as doenças venéreas não ganharam tamanha intensidade e não chegou a se assemelhar à lepra. Aos poucos começou a fazer parte do conjunto de outras doenças. Deste modo, não foi a doença venérea que tomou o lugar da lepra, mas a loucura. “(...) a doença venérea se isolou, numa certa medida, de seu contexto medico e se integrou, ao lado da loucura, num espaço moral de exclusão” (FOUCAULT, 2005, p.08).

A loucura passou a ser representada na literatura e na filosofia. Mas é rapidamente tirada das suas mãos e passada a ser tratada através de internamente em asilos.

(...) por volta da metade do século XVII, (o louco) foi reconhecido como estranho à sociedade que o havia escorraçado e irredutível a suas exigências; ele se tornou então, para maior tranqüilidade de nosso espírito, o candidato indiferenciado a todas as prisões, a todos os asilos, a todos os castigos (FOUCAULT, 2005, p. 81).

Vai ser a partir do século XVIII que a loucura passa a ser entendida como doença que, como tal, precisa ser tratada e curada, através de um aparato científico. Foi com o surgimento de saberes como a psicanálise que se atribui à imagem do louco.

A noção de loucura, tal como existe no século XIX, formou-se no interior de uma consciência histórica e isto de dois modos: primeiro, porque a loucura em sua aceleração constante, forma como que uma derivada da história; e, a seguir, suas formas são determinadas pelas próprias figuras do devir. "Relativa ao tempo e essência à temporalidade do homem: é assim que nos aparece à loucura tal como ela é então reconhecida ou pelo menos sentida, bem mais profundamente histórica, no fundo, do que ainda o é por nós (FOUCAULT, 2005, p. 375)."

Na obra de Michel Foucault, vimos que a loucura, enquanto doença mental foi historicamente enclausurada, silenciada, onde construíram para o louco uma imagem negativa. Assim, nos perguntamos por que a loucura foi por muito tempo silenciada e o louco é esse outro estigmatizado pelo discurso científico. Será a razão ainda não conseguiu desvendar os mistérios da loucura e por isso a silencia? Para nós ficam algumas questões em torno do silêncio da loucura.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto (1881-1922). 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, Lima. Cemitério dos Vivos. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1956, v. V.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: _ O Livro por vir. Trad. Leyla Perrone. São Paulo: Martinhs Fontes, 2005.

BOTELHO, Denílson. "A pátrio que quisera ter era um mito": uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto. Campinas, São Paulo, 1996. Dissertação (mestrado) UEC, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

BRITO, Fátima Saionara Leandro. Michel Foucault e suas trajetórias pela História da loucura. Trabalho apresentado no I Seminário Nacional de Fontes Documentais e pesquisa histórica: Diálogos Interdisciplinares. UFCG: Campina Grande, PB. De 01 a 04 de dezembro de 2009

CANDIDO, Antonio. Os olhos, a boca e o espelho. In: _ A educação pela noite e outro

ensaios. São Paulo: Ática, 1987, p. 39-50.

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados. O Rio de Janeiro e República que não foi. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Universitária/ UFRGS, 2002.

_____. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990. (Col. Memória e Sociedade).

DIAS, Márcia. Loucura não é crime. Carta capital, São Paulo, v. 15, n. 550, p. 34-36, jun. 2009.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v.1.

FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. 8. ed. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. Doença Mental e Psicologia. Biblioteca tempo Universitário – II: Coleção dirigida por Eduardo Portella. Tempos brasileiros. Rio de Janeiro – 1984.

_____. O Poder Psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete, Petrópolis, Vozes, 1987.

HOBBSAWM, Eric. J. A era dos impérios: 1875-1914. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. A era do capital: 1848-1875. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LINHARES, Andréa Regina Fernandes. Memórias Inventadas: Figuração do sujeito na escrita autobiográfica de Manuel Barros. Fundação UFRG. Programa de pós-graduação em Letras (Mestrado em História da Literatura). Rio Grande, julho 2006.

MACHADO, Roberto. Arqueologia, filosofia e literatura. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; PORTOCARRERO, Vera (orgs.) Retratos de Foucault. Rio de Janeiro: Nau, 2000.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Fátima. Cemitério dos Vivos, de Lima Barreto: entre o documento biográfico e a

elaboração. XI Congresso Internacional da ABRALIC, Têxtil, interações, convergências. USP – São Paulo, Brasil. De 13 a 17 de julho de 2008.